

Entre caudas e prolongamentos: os desafios da leitura paleográfica

Heads and tails: challenges for palaeographic reading

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.42524>

Marcelo Módolo

Professor Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – nível 2 (processo número 308793/2019-6).

E-mail: modolo@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>

Helena de Oliveira Belleza Negro

Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (2007). É mestre (2010) e doutora (2017) em Filologia e Língua Portuguesa pela mesma Universidade. Atualmente é professora nos cursos de Licenciatura do Centro Universitário UniSant'Anna.

E-mail: helenaoliveiranegro@gmail.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8633-7194>

RESUMO

O presente trabalho analisará documento processual eclesiástico que data do século XVIII, elaborado em São Paulo. A identificação dos punhos e a análise da variabilidade da escrita serão os pontos centrais do estudo, que tem como objetivo o estabelecimento dos grafemas e identificação das similaridades entre as letras de mesmos punhos. A metodologia utilizada para analisar a escrita documental foi o estudo comparativo entre as aplicações realizadas pelos diferentes punhos, bem como a incidência do uso de sinais abreviativos, que podem apresentar uma caracterização dos escribas responsáveis por seu uso, já que nem todos faziam utilização das abreviaturas. Por fim, a investigação elucidada como o uso da paleografia é importante para os estudos linguísticos e filológicos, uma vez que sem a leitura paleográfica não se pode identificar as minúcias textuais.

Palavras-chave: Paleografia. Filologia. Manuscrito. Abreviaturas. Feitiçaria.

ABSTRACT

The present article aims to offer an ecclesiastical procedural document analyses that dates from the 18th century, elaborated in São Paulo. The identification of the hands and the analysis of the variability of writing will be the central points of the study, which aims to establish the graphemes and identify the similarities between the letters of the same scribe. The methodology used to analyze the documentary writing was the comparative study between the applications made by the different handles, as well as the incidence of the use of abbreviated signs, which can present a characterization of the scribes responsible for their use, since not all used the abbreviations. Finally, the investigation elucidates how the use of paleography is important for linguistic and philological studies, since without paleographic reading, textual details cannot be identified.

Keywords: Paleography. Philology. Manuscript. Abbreviation. Witchcraft.

Introdução

O documento escolhido para o estudo paleográfico pertence ao *corpus* existente no Arquivo da Cúria de São Paulo, no fundo intitulado Documentação Varia, Processos Manuscritos (1640-2009), e pesquisado pelo Grupo Bruxas Paulistas: Edição Filológica de Documentação sobre Feitiçaria, da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do professor Marcelo Módolo¹. O processo de Ignacia de Siqueira e seus filhos Martinho e Izidoro de Siqueira traz a acusação de feitiçaria, ocorrida em 1770 na cidade de Itapetininga-SP. A família foi denunciada por promover ajuntamento de pessoas e batuques, tudo isso portando a imagem de Santa Anna.

O documento e sua riqueza paleográfica contemplam a diversidade de traçados, abreviaturas e escrita regular em todos os punhos. Partindo dessas características, serão classificados os tipos abreviativos e observadas as incidências de uso pelos escribas, o que remete ao tipo de escrita adotada pelos profissionais e a relação entre suas diferentes atribuições e especificidades gráficas.

O estabelecimento da variedade gráfica, bem como a análise das práticas peculiares de cada escriba serão verificadas a partir das comparações realizadas entre os punhos que compõem o documento.

1. O documento e sua apresentação inicial

O manuscrito contém trinta e dois fólios, divididos em 1172 linhas na totalidade. Cada fólio contempla em média 35 linhas, elaborados por seis diferentes escrivães, com traçados muito distintos entre si. As intervenções de terceiros são raras, mas as ações causadas por papirógrafos dificultam a leitura.

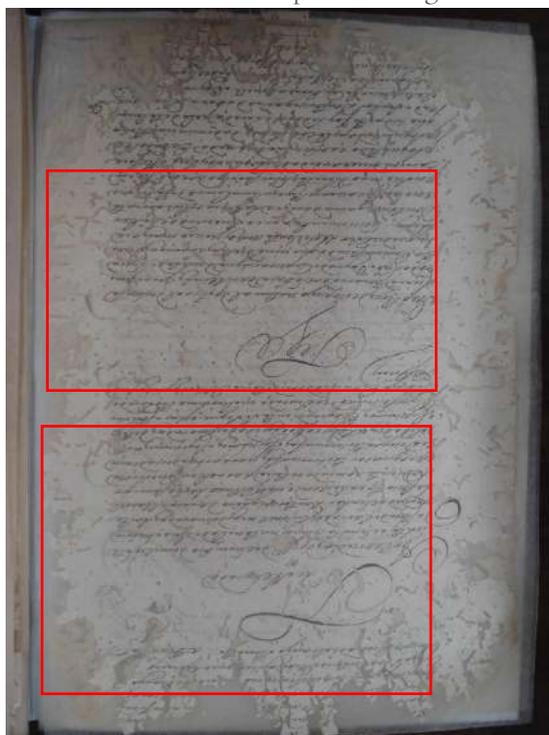
Embora o grau de legibilidade seja distinto entre os escribas, todos os traçados são legíveis, apesar das interferências promovidas pelas tintas metaloácidas, em especial, as ferrogálicas, que causam corrosão no suporte. Além disso, as perfurações também ocasionam ilegitibilidade de grande parte das bordas de todos os fólios, o que evidentemente apresenta um desafio à edição integral dos documentos.

O documento traz um auto de denúncia crime exarado pelo Promotor do Bispado Eclesiástico contra Ignacia de Siqueira e seus filhos Martinho e Izidoro de Siqueira. O primeiro fólio retrata a capa do processo e apresenta os autores, as rés e a motivação da acusação. O auto de denúncia é um tipo documental jurídico cujo objetivo é iniciar o processo e a captação de depoimentos para averiguar os

¹ Os autores agradecem a leitura e as sugestões da Professora Maria de Fátima Nunes Madeira. Os eventuais equívocos remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

fatos e essa informação se apresenta no preâmbulo da capa. Como todo documento judicial, o formato é repetido em todos os manuscritos e os dizeres são formulaicos, fator que auxilia a edição, em situações em que a lição² não pode ser realizada.

Figura 1 – Mancha³ escrita nos fólhos do processo de Ignacia de Siqueira e filhos



Fonte: edição facsimilar realizada pelos autores.

Interessante observar que o punho, em quase todas as capas dos processos desse *corpus*, tem as mesmas características: escrita regular, ornamentada e encadeada, caracterizando, dessa forma, um único punho como responsável pela abertura de quase todos os autos. A mancha, formada por uma única coluna, tem geralmente a mesma dimensão em todos os fólhos, medindo aproximadamente 110 mm de largura x 90 de comprimento, como demonstrado na figura 1. O comprimento é variável, pois o documento apresenta espaços entre os depoimentos e despachos de encaminhamento, mas a largura é regular em todos os fólhos.

A ausência de fronteiras entre as palavras pode ser verificada na capa processual, como apresentado no trecho do fólho 1r, figura 2.

A uniformidade da escrita é um fator positivo para o processo de edição do manuscrito, no entanto, as grandes barreiras são as lacunas deixadas pela ação de papirófagos. Todas as margens sofreram danos,

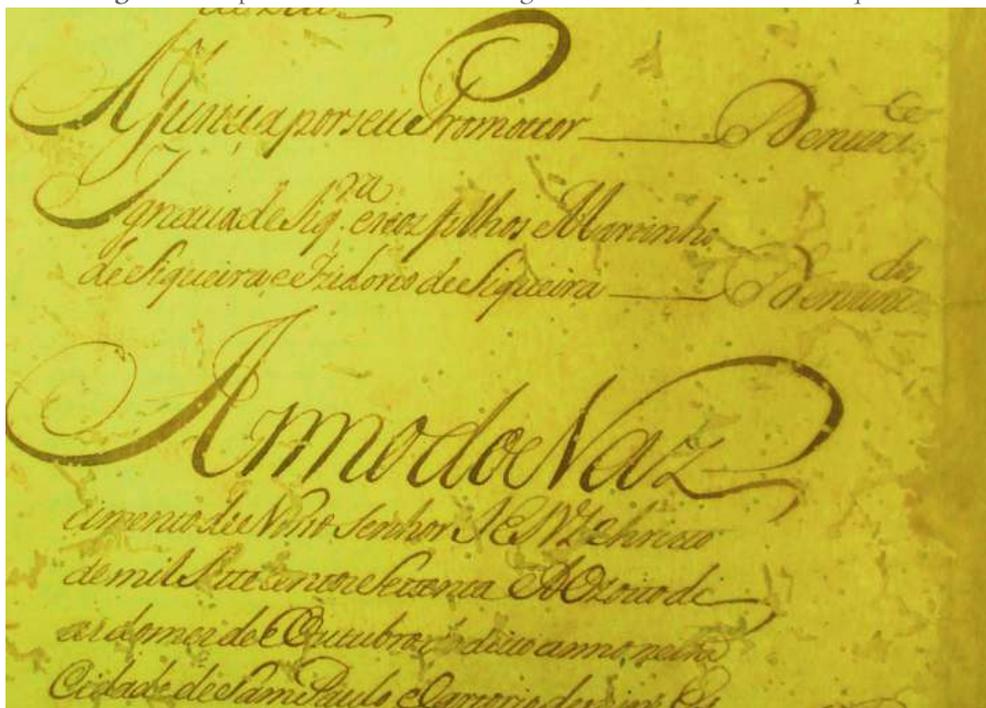
² Conforme definição do Glossário de Terminologia de Crítica Textual, o termo lição compreende o conteúdo de um lugar do texto em qualquer dos seus testemunhos; pode ser substantiva (palavras ou frases) ou adjetiva – acidental na teoria do *copy-text* de Greg – (sinais de pontuação e capitalização, por exemplo).

³ Conforme Aulete mancha é a parte impressa de uma página de livro, jornal etc.

que sepultaram informações importantes. Assim como um traçado difícil, situações dessa natureza fazem da paleografia um exercício intenso de decifração.

As edições dos trechos mencionados seguirão o modelo semidiplomático, que consiste na manutenção dos sinais diacríticos e sinais de pontuação. Além disso as letras maiúsculas e minúsculas foram mantidas nas edições.

Figura 2 – Capa do auto de denúncia de Ignacia, Martinho e Izidoro de Siqueira

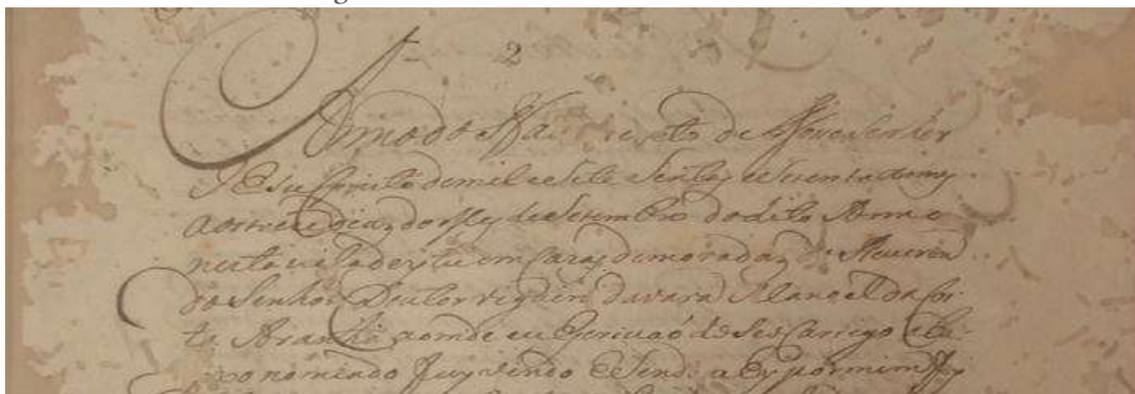


Fonte: edição facsimilar realizada pelos autores.

A Justia por seu Promottor _____ Denunciante
 Ignacia de Siqueira e os filhos Martinho
 de Siqueira e Izidoro de Siqueira _____ Denunciados
 Annodo Naz
 cimentodeNosso Senhor JESUS Christo
 demilSettecentosSettenta Aosoitodi
 asdomesdeOutubrododitto annonesta
 CiudadedeSamPaulo eCartoriodemim Es

A sombra da tinta, muitas vezes, dificulta a leitura, como pode ser identificado na figura 3. Observa-se o traçado do escriba 1, no fôlio 1v, ao passo que no fôlio 1r não se vê a sombra da escrita do punho 2. Isso se deve ao tipo de tinta utilizada, bem como ao modo como o traçado do segundo punho foi inserido sobre a folha de papel, à cor da tinta e à força aplicada no feitiço da escrita.

Figura 3 – Fólio 1v e a sombra da escrita do fólio 1r

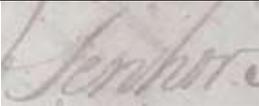
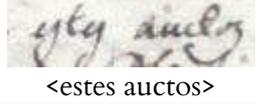
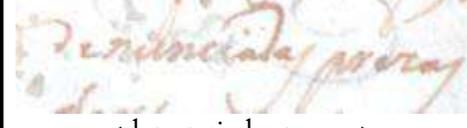


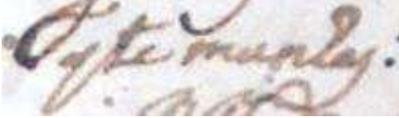
Fonte: edição facsimilar realizada pelos autores.

Annodo Nascimento de Nosso Senhor
 JEsus Christo demil Sete Setenta e Sete annos
 aostre dias do Mes de Setembro do dito Anno
 nesta vila deytu em cazas demoradaz do Reveren
 do Senhor Doutor Vigario da vara Manoel da Cos
 ta Arante a omde eu Escrivaõ do Seo Cargo aba
 yxo nomeado fuy vindo E Sendo ahy pormim [foy]

Os seis escribas identificados têm punhos distintos, e nos dois excertos – figura 2 e 3 – pode-se identificar a diferença entre os traçados. O quadro 1 detalha os traçados e os respectivos escribas.

Quadro 1 – Os punhos do documento

Exemplo	Punho	Fólios
 <Senhor>	Punho 1	1r
 <Senhor>	Punho 2	1v
 <Senhor>	Punho 3	5r
 <estes auctos>	Punho 4	5r
 <denunciadas prezas>	Punho 5	5v

 <p data-bbox="435 320 628 342"><Testemunhas></p>	Punho 6	14r
--	---------	-----

Fonte: edições facsimilares realizadas pelos autores.

A identificação dos escribas e a incidência na escolha dos sinais abreviativos é primordial para que se possa reconhecer uma regularidade de uso entre as escritas. A partir do estabelecimento do alfabeto por escriba, é possível traçar um paralelo entre as reincidências de letras e se o punho dispõe de variação entre grafemas. A existência de grafemas escritos de maneiras distintas é real e muito comum em documentos setecentistas e para esse fenômeno damos o nome de alografia, ou ainda, caracteres alógrafos.

É comum um escrivão realizar um traçado diferente para uma mesma letra, dificultando a leitura e a edição textual. Por isso, é necessário observar: i) a morfologia das letras, ou a sua forma; ii) o seu traçado, ou ductus; iii) o ângulo, ou relação dos traços verticais das letras com a pauta horizontal; iv) o módulo, ou dimensão das letras em relação às pautas; e o peso, ou relação entre traços finos e grossos das letras. (CAMBRAIA, 2005, p. 24). Comparar as escolhas realizadas pelo escriba é fundamental para estabelecer uma boa correlação que auxiliará a identificação das escritas.

2. Paleografia: quais análises fazer?

Os estudos paleográficos datam do século XVII e são utilizados para trazer à atualidade a escrita antiga. É por meio da paleografia que conseguimos identificar a escrita documental sem dificuldades de leitura, mas é com o auxílio da filologia que o texto pode abranger os diversos públicos leitores, pois será a escolha da edição que fará a transcrição atender às necessidades de linguistas, literatos ou do grande público.

Contreras (1994, p. 12) define a paleografia como a

Ciencia que describe, clasifica y explica el desarrollo de la escritura; los resultados de las investigaciones paleográficas, independientemente de sus objetivos propios, que se sitúan en el vasto dominio de la historia de la civilización, se traducen en beneficio de cada una de las ciencias especiales que se ocupan de los escritos.

Quanto às particularidades dos métodos paleográficos, Petrucci (2002) enfatiza que as características gráficas e os problemas levantados no decurso de suas análises devem seguir princípios de

análise e de identificação da autoria, logo, deve-se identificar *o que* o autor escreve, *quem* é esse autor, *por que* escreve, *quando*, *onde* e *como* escreve.

Estudos posteriores de Contreras (1994) já apresentam objetivos complementares aos métodos objetivos da paleografia, dividindo-a em três partes, a saber: paleografia de leitura, de análise e de identidade com a história da escrita. Respectivamente, as metodologias consistem: a) na prática de leitura e na correta identificação dos sinais gráficos; b) na observação das relações da escrita e seus elementos constitutivos; e c) na existência de diferentes concepções da história, atrelando-as aos feitos caligráficos, restabelecendo assim o período de sua produção.

Este artigo, portanto, adere à paleografia de leitura, quando propõe identificar os problemas com a lição e as dificuldades apresentadas de uma interpretação equivocada dos grafemas e traçados; e à paleografia de análise, quando propõe olhares diferentes em relação à diversidade e incidência de uso das abreviaturas.

A filologia apoia-se na paleografia para a restituição dos textos à leitura, apresentando-nos os meios para que possamos decodificar as informações presentes no manuscrito. Para tanto é necessário identificar, dentre outros aspectos, os tipos de abreviaturas utilizadas, a letra sob os borrões, traçados irregulares, sinais gráficos e pontuação.

Apesar da correlação entre os assuntos, este trabalho centralizará sua análise nos estudos paleográficos, dando enfoque aos aspectos relativos à escrita e ao uso das abreviaturas.

O manuscrito foi elaborado em terras brasileiras, em meados do século XVIII. Os vários punhos – seis, como antecipado no quadro 1 – representam resumidamente a estrutura institucional que vigorava dentro da corporação em que ele foi produzido. A hierarquização da escrita e os processos de horizontalidade das relações são fatores que influenciam no direcionamento e despacho dos autos. Esse processo pode ser observado nas destinações realizadas pelos escribas. Pode-se identificar também o misto entre autógrafos e idiográficos⁴, uma vez que o auto de Ignacia de Siqueira e seus filhos é iniciado em São Paulo e destinado a Itu, sendo elaborado por escrivães, procuradores e o vigário, permeando a área civil e a eclesiástica.

O cuidado com o traçado nas letras, assim como as tratativas entre estes profissionais, evidencia elementos que compõem a micro-história institucional e que serão pouco explorados aqui, no entanto, não se pode ignorar a estrutura organizacional e suas relações.

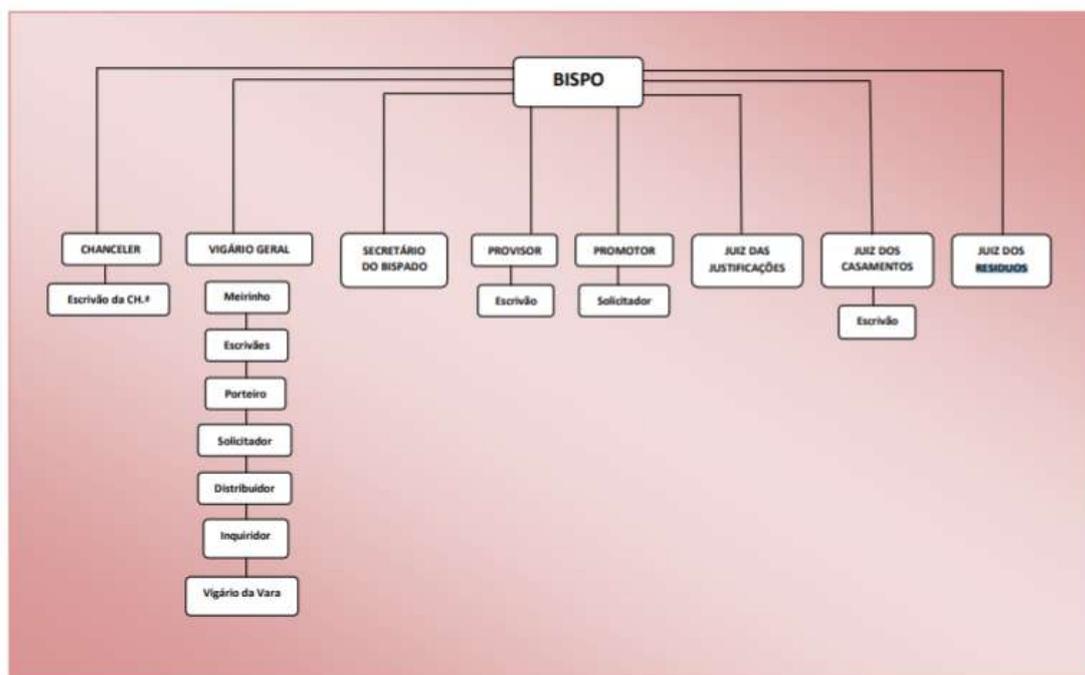
⁴ Sobre o assunto ver CAMBRAIA, C.N. *Introdução à crítica textual* e SPAGGIARI, B, PERUGI, M. *Fundamentos da Crítica Textual*.

Em estudo ao cartulário do colégio de Hubant⁵, Aubert (2011) apresenta os processos de mediação e medialização da referida instituição, relacionando a produção escrita às relações sociais e ao funcionamento da escola. Da mesma forma, direcionando ao estudo da estrutura jurídica, Schwartz (2011) traça as relações entre magistratura, metrópole e famílias abastadas da colônia. As relações traçadas por ambos os autores demonstram, de alguma forma, os laços e interesses existentes entre os participantes dos respectivos grupos, permitindo-nos fazer um paralelo necessário para compreender, bem como relacionar quem é quem na estrutura eclesiástica, para que uma análise cuidadosa seja realizada.

A dissertação de Porto (2018) apresenta detalhadamente as funções que os funcionários da Igreja realizavam. Sua pesquisa tem como base um dos documentos do *corpus* do grupo Bruxas Paulistas e discorre sobre as atribuições dos homens que elaboraram o documento. Essas relações também são encontradas no Regimento do Auditório Eclesiástico do Arcebispado da Bahia, documento oficial que reflete a organização da instituição e descreve todas as funções religiosas na metrópole.

Para melhor ilustração, reproduzimos o organograma que apresenta a estrutura.

Quadro 3 – Organograma do Juízo Eclesiástico



Fonte: SANTOS, 2013, p. 131.

No organograma pode-se identificar, na segunda coluna, o Vigário Geral e abaixo dele o meirinho e o escrivão, funções que podem ser encontradas no documento e que pertencem ao mundo eclesiástico.

⁵ AUBERT, E. H. Mediação e medialização: o cartulário do Colégio de Hubant e a teoria do laço social. *Revista de História*, São Paulo, n. 165, p. 151-191, jul./dez. 2011

Observação importante deve ser realizada para a função de procurador, que não consta da organização eclesiástica, pois faz parte do rito de defesa do réu. No manuscrito deste estudo, tal profissional se faz presente na defesa de seus clientes, logo, adentrando a esfera cível da justiça.

2.1 Análise das dificuldades na leitura de documentos manuscritos: especificidades em cada punho

A união entre as palavras e as características dos traçados apresentam dificuldades na leitura, na maioria das vezes. A escrita encadeada promove dúvidas que são intensificadas quando a legibilidade da letra é pequena.

Caudas e hastes podem unir-se com a escrita das linhas superiores e inferiores promovendo a dúvida na leitura e conseqüentemente na edição documental, realizada pelos filólogos e, por isso, é extremamente importante uma leitura correta, evitando equívocos e edições errôneas.

O punho 1 apresenta um traçado elegante, com regularidade na dimensão das letras, grafemas iniciais caudados e intermediários com a mesma dimensão entre si, letra levemente inclinada para o lado direito e faz uso de abreviaturas.

Figura 4 – Excerto do fólio 1r – linhas 8 a 9



Fonte: edição facsimilar realizada pelos autores.

A Justiça por seu Promotor _____ Denunciante
 Ignaciade Siqueira e seus filhos Martinho
 de Siqueira e Izidoriode Siqueira _____ Denunciados

Apesar da letra cuidada e legível, o trecho escrito pelo punho 1 apresenta dificuldades de leitura, devido à ação dos papirógrafos. O enfoque dado aqui é para a leitura do grafema <t> em Justiça. O traçado discreto do corte horizontal da letra <t> torna essa letra em muito parecida com o <e> de <seos>, ou seja, um <t> pode ser confundido com <e> em uma leitura rápida e a edição poderia ser totalmente

modificada de <seos> para <estes> se fosse cogitada a existência de um corte na letra <t>, mas esse equívoco deve-se a um pequeno furo dentro do <e>.

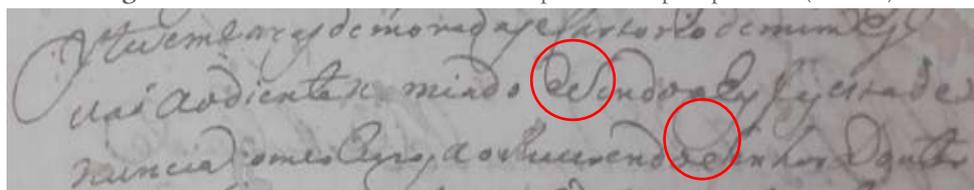
Quadro 3 – Dificuldades de leitura

<t> em Justiça – Linha 8, fólio 1r	<s> em eseos – linha 9, fólio 1r
	

Fonte: edições facsimilares realizadas pelos autores.

Dificuldade semelhante se dá quando os traçados entre as linhas confundem-se e pode-se inferir a existência de um grafema que, na realidade, não existe. Exemplo parecido é demonstrado no traçado do punho 2, inserido na figura 5.

Figura 5 – Caudas: dificuldades na leitura apresentadas pelo punho 2 (fólio 4v)



Fonte: edição facsimilar realizada pelos autores.

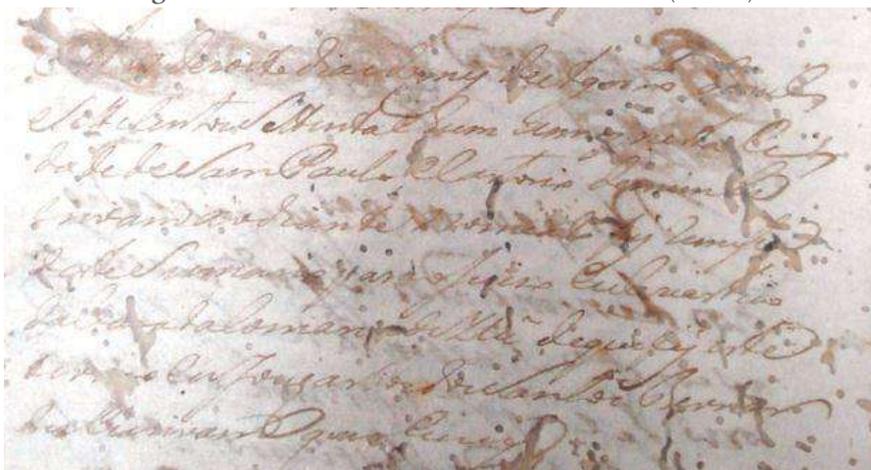
Ytuemcazas demoradas eCartorio demim Es[cri]
vaó aodienten[o]miado eSendoahy fisestade
nuncia [conclusos] aoReverendoSenhor Doutor

A característica do <s> em início de palavra leva à compreensão enganosa da existência do grafema <e> antecipando <Senhor>, mas essa letra existe em apenas uma das ocorrências em que o <s> em início de palavra aparece. Na primeira ocorrência há a união entre o prolongamento do grafema <c> maiúsculo de <Cartorio>, presente na linha superior, e o grafema <S> da linha inferior, além do grafema <e> da expressão <eSendoahy>, inserido dentro da cauda de <C>.

O traçado caudado do <S> repete-se em <Senhor>, mas desta vez as duas palavras <Reverendo> e <Senhor> estão unidas, sem a existência do conectivo <e>.

O traçado do punho gera dúvidas à leitura e à transcrição, o que pode levar a uma edição errônea, por isso é importante que a leitura paleográfica seja realizada mais de uma vez, para que todas as leituras possam ser feitas e as dúvidas esclarecidas, evitando assim a perpetuação do equívoco. O estabelecimento

Figura 7 – O borrão e a sombra do verso – Punho 3 (fólio 6r)

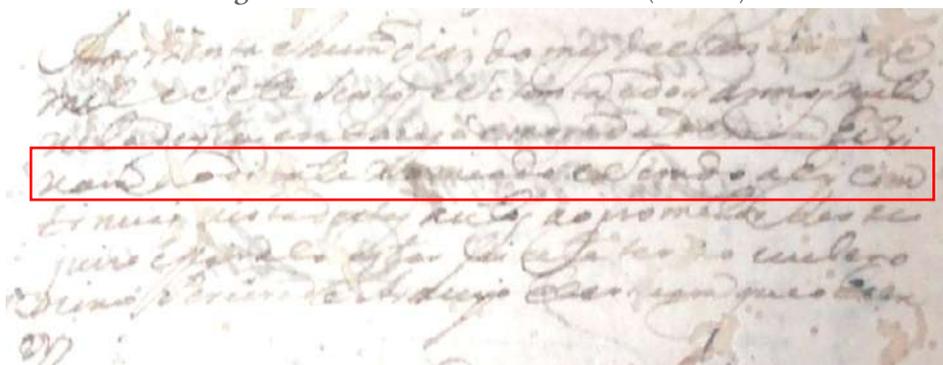


Fonte: edição facsimilar realizada pelos autores.

Aos deoito dias do mes de Agosto de mil SetteCentosSetenta e hum annos nesta Cidade de Sam Paulo e Cartorio de mim Escrivam aodiantenomeado fis Remessa deste Sumario para Juizo eclesiástico de Varada Comarcade Itú de que fies este termo eu Jose Carlos dos Santos Bernardes Escrivam queo escrevy.

Não são raros os casos em que um borrão realizado deliberadamente pelo escriba, ou ainda, a sombra de um traçado mais forte realizado no verso do fólio dificulta a leitura do documento. A figura 8 representa caso semelhante. A tinta clara e o escurecimento provocado pela rasura no fólio verso dificultam a leitura.

Figura 8 – A sombra da escrita – Punho 2 (fólio 15r)



Fonte: edição facsimilar realizada pelos autores.

Aos trinta e hum diaz do mes de Janeiro de Sete mil e Sete Sentos e Setenta e dois annos nesta Viladesta emcazas demorada demim Escrivam eodiante nomeado e Sendo ahy com tinua vistadestes autos ao promotor deste Juízo e para constar foi ate termo eu Jero nimo Pereira de Araujo Escrivam queo Escrevy.

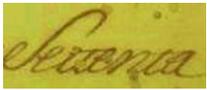
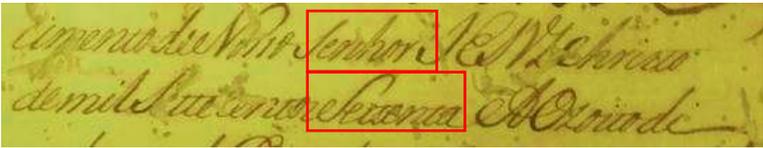
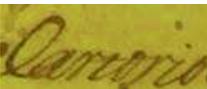
Na figura 8 vemos um trecho em que as sombras da escrita do verso são extremamente visíveis e dificultam a leitura do trecho. A linha 4 do excerto exige conhecimento do tipo documental, uma vez que a construção faz parte de estruturas pré-concebidas para os processos judiciais, eclesiásticos ou cíveis.

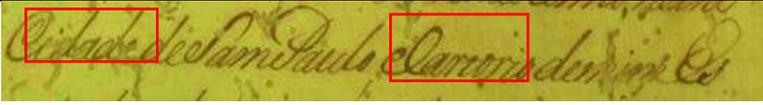
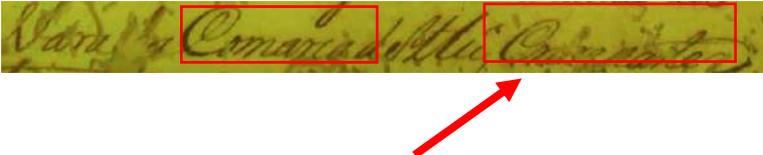
Além do processo de escrita e dos percalços que os documentos apresentam há também a existência de grafemas que são elaborados de maneiras diferentes por um mesmo punho. O punho 1, por exemplo, apresenta diferentes grafias para a letra <s> e para a letra <c>, mas é importante observar também que a posição da letra na frase e na própria palavra podem interferir na sua confecção. Para detalhamento, o quadro 3 apresenta casos de alografia, o exemplo e o contexto em que o termo está inserido, assim como a posição da letra – início, meio ou fim.

Pode-se observar que o grafema <S>, por exemplo, apresenta variação ainda que sua posição seja no início da palavra e que esta esteja no meio da frase.

Já o grafema <C> apresenta processo diverso de elaboração, uma vez que se assemelha ao <e> minúsculo.

Quadro 4 – Casos de Alografia

Exemplo	Grafema Punho 1	Contexto
 <Setenta>	<S> em início de palavra	
 <Senhor>	<S> em início de palavra	
 <Cartorio>	<c> em início de palavra	

 <Comarca>	<c> em início de palavra	
 <Cidade>	<C> em início de palavra	

Fonte: edições facsimilares realizadas pelos autores.

O segundo exemplo escolhido traz o grafema <C> em início de palavra e é perceptível verificar que <Cidade> apresenta traçado diferente de Cartorio, embora ambas sejam maiúsculas. Em observação às outras aparições do <c>, em início de palavra, verificou-se a não apresentação das mesmas características existentes em <Cartorio>, mas sim semelhantes ao traçado encontrado em <cidade> - dupla volta por dentro do grafema - característica que pode fazer o leitor confundir-se ao ler o grafema <c> ou <e>, em início de palavra, como ocorre em <entrepertes>, demonstrado pela flecha.

3. As abreviaturas

As abreviaturas também fazem parte da análise paleográfica e consistem na redução da escrita, fazendo uso de siglas, sinais especiais - como o til ou um traço sobreposto à letra que se pretende reduzir - e a redução de termos para representar a escrita. Diversos autores já trataram o assunto, dentre eles, Flexor (2008), Acioli (1993), Berwanger e Leal (2008), mas optamos pela adoção da terminologia utilizada por Flexor.

A historiadora, nas páginas iniciais de seu livro que apresenta uma compilação de abreviaturas comuns aos séculos XVI ao XIX, classifica os sinais abreviativos em siglas simples, como em B = beato e S. = São; siglas duplicadas, como em PP = padres e S S = Senhor; siglas compostas; e as abreviaturas, propriamente ditas. Essas são divididas em: a) por suspensão, como em entrep= entrepartes; b) por contração, como em Snria = Senhoria e c) por letras sobscritas, em que as últimas letras são grafadas sobre a palavra, como pode ser verificado em grande parte das abreviaturas elencadas no quadro 4. Como exemplo, cita-se Siq^{ra} = Siqueira; ecclez^{co} = ecclesiastico.

Em análise ao documento, identificamos a utilização de abreviaturas por todos os escribas, mas com maior ou menor incidência por diferentes fatores, dentre eles citamos: a agilidade necessária à escrita, uma vez que os escribas transcreviam os discursos falados pelas testemunhas; a habilidade com os procedimentos escritos, pois a dinâmica e os modelos processuais já estavam pré-concebidos e necessitavam apenas sua operacionalização, ou seja, os despachos e direcionamentos esperados para o

andamento dos autos; o conhecimento das formas abreviativas, que apesar de serem adotadas para agilização e condução dos autos não eram amplamente utilizadas por todos os escrivães.

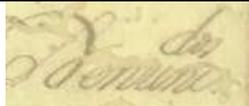
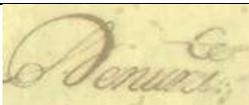
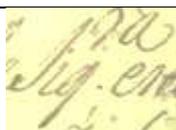
Com o intuito de estabelecer essa relação, elencamos os tipos de abreviatura, a incidência de uso e a função que cada escriba ocupava, quando foi possível fazê-lo.

O escriba que denominamos como punho 1 (Quadro 1) não tem seu nome presente no processo, mas, diante da identificação de sua grafia em todos os outros processos do *corpus* do Projeto Bruxas Paulistas, é presumível que sua função única, diante o andamento dos autos, seja o de abrir os processos, dando nome aos autores, réus, e despachando-os para os trâmites iniciais.

Obedecendo aos critérios discursivos dos processos judiciais, ele autointitula-se escrivão, mas infelizmente seu nome não é mencionado. Escreve um único fôlio e as abreviaturas totalizam 4 aparições das 104 palavras que seu fôlio apresenta, ou seja, 3%. Todos os usos adotados por esse punho são de abreviaturas sobrescritas.

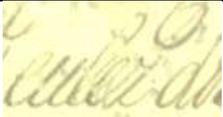
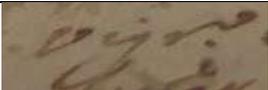
O escrivão Jerônimo Pereira de Araújo, que nomeamos como punho 2, conforme exposto no quadro 1, apresentou 23 abreviaturas, sempre referentes à nomeação de nova parte do processo, como em Termo de Assentada, e à evocação de nova testemunha. Essa quantidade de abreviaturas corresponde a 1% do total elaborado pelo profissional nos 17 fôlios existentes. Observa-se que o escriba não usou as reduções no conteúdo principal dos depoimentos captados, reservando-as para trechos específicos, mantendo assim a integralidade de todos os depoimentos.

Quadro 5⁶ – As abreviaturas e as incidências de uso

Exemplo	Punho/Função	Tipo de Abreviatura ⁷
 <Denunciados>	1/Escrivão do Juízo Eclesiástico da Comarca de Itu	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Denunciantes>	1/Escrivão do Juízo Eclesiástico da Comarca de Itu	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Siqueira>	1/Escrivão do Juízo Eclesiástico da Comarca de Itu	Abreviatura com letras sobrescritas

⁶ Relação baseada nos principais exemplos. Não inserimos todas as abreviaturas neste levantamento.

⁷ Classificação de acordo com o apresentado por Flexor, M. H. O. Abreviaturas manuscritas dos séculos XVI ao XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

 <eccleziastico>	1/ Escrivão do Juízo Eclesiástico da Comarca de Itu	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Termo de Asentada>	2/ Jeronimo Pereira de Araújo/ Escrivão do Auditório Eclesiástico	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Termo de Conclusam>	3/ Joze Carlos dos Santos Bernardes/ Escrivão	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Vossa Senhoria>	4/ Antonio/ Escrivão em Itu	Sigla simples e Abreviatura por contração
 <Filhos>	5/ Matheos Lourenço de Carvalho/ Vigário Capitular	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Vigario>	5/ Matheos Lourenço de Carvalho/ Vigário Capitular	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Livro>	6/ Jose Cardoso Teixeira/ Procurador	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Rés>	6/ Jose Cardoso Teixeira/ Procurador	Abreviatura por contração ou siglas duplicadas
 <Reverendo Senhor Doutor>	6/ Jose Cardoso Teixeira/ Procurador	Abreviatura com letras sobrescritas
 <Testemunhas>	6/ Jose Cardoso Teixeira/ Procurador	Abreviatura com letras sobrescritas

Fonte: edições facsimilares realizada pelos autores.

Joze Carlos dos Santos Bernardes, punho 3, faz breve aparição no processo, pois sua função foi concluir o auto em São Paulo e remetê-lo a Itu. Em suas breves passagens, localizamos 1% de abreviaturas, seguindo o padrão adotado pelo punho 2 – termos comuns ao estabelecimento das partes do processo e não ao conteúdo da escrita. O escriba reduziu as palavras <Termo> e <Conclusam>, lexemas utilizados na área jurídica para apresentar a divisão e finalização processual.

O punho 4, que também faz rápidas interferências, usou em seu texto aproximadamente 14% de abreviaturas. Como eram notas de despacho, a diversidade no uso das abreviaturas foi muito maior que as apresentadas pelos outros dois últimos escribas, relatores das denúncias e do encaminhamento dos autos em suas respectivas origens – Itu e São Paulo. Observação se faz necessária ao fato de conseguirmos realizar a leitura apenas de parte do nome do escrivão, devido ao estado do documento. O fac-símile partiu de São Paulo, sendo destinado ao Vigário Capitular, ou seja, partiu da esfera jurídica para a eclesiástica⁸.

O punho 6 apresentou 8% de incidência de abreviaturas em sua escrita e o punho 5, do Vigário capitular Matheos Lourenço de Carvalho, apresentou 12% de abreviaturas em sua decisão.

O quadro 5 apresenta alguns exemplos de abreviaturas utilizadas pelos respectivos punhos, mas se pode afirmar que é a representação do tipo de abreviatura utilizada na grande parte de seus textos, ou seja, a modalidade apresentada é a representação do modelo abreviativo adotado pelos respectivos escribas. A presença da abreviatura sobrescrita foi marcante em todo o documento e para todos os escribas, no entanto, pode-se identificar a incidência de abreviaturas simples e por contração em dois punhos apenas, diferentemente dos usos dos outros quatro profissionais.

Algumas considerações

Após analisar os hábitos de escrita apresentados no manuscrito, apoiados pela análise paleográfica, é possível mensurar que os escribas responsáveis pela transcrição dos depoimentos e direcionamento do processo aos juízes ou promotores fizeram menos uso das abreviaturas em comparação aos outros punhos identificados no documento.

Todos fizeram uso de uma escrita encadeada, própria do período humanístico, sem realizar o levantamento da pena, marcando a ausência de fronteira entre as palavras, o que reflete a habilidade dos punhos e a agilidade que a atividade demanda.

⁸ Descrição sobre as esferas jurídicas e sua diferença da justiça eclesiástica foi realizada por FERNANDES, N. R. A importância interdisciplinar da documentação da Justiça Eclesiástica em São Paulo: o caso Joana Gil. O presente artigo menciona essa estrutura em análise a outro documento pertencente ao corpus do Projeto Bruxas Paulistas.

A maior incidência de abreviaturas foi identificada na escrita dos profissionais com maior poder de decisão ou autonomia, como é o caso do procurador José Cardoso Teixeira – escriba 6 – e do vigário capitular Matheos Lourenço de Carvalho – escriba 5.

Fazendo jus aos conceitos da paleografia de análise, pode-se afirmar que ambos os punhos produziram considerável parte do processo – respectivamente, quatro e dois fólhos dos dezessete existentes – o que permite ratificar a alta incidência de abreviaturas em suas produções. O punho 2 – Jerônimo Pereira de Araújo – foi responsável pela escrita de oito fólhos, ou seja, quase a metade de todo o processo.

Outro ponto de identificação é a diversidade de uso do tipo abreviativo. As abreviaturas por siglas ocorrem apenas na escrita 6, que também utiliza a abreviatura com letras sobrescritas.

Diante dos padrões que a Justiça Eclesiástica utilizava e amparados nas premissas do Regimento do Santo Ofício⁹ e nas Ordenações Filipinas, os modelos formulaicos apresentados no processo seguiam um ritual específico, salvo o uso das abreviaturas no desenvolvimento do texto, particular de cada punho.

É importante lembrar que a observação das abreviaturas é um dos tópicos de análise paleográfica e que podem trazer diversos achados sobre a prática da escrita, sempre apoiados pela edição fidedigna dos textos.

Os padrões identificados neste processo podem não ser recorrentes no restante do *corpus* do projeto, mas podem ser utilizados como base para pesquisas posteriores que queiram explorar esse aspecto da escrita jurídica.

⁹ O Regimento do Santo Ofício, assim como as Ordenações Filipinas, oficializava os procedimentos jurídicos para os casos que envolviam o foro eclesiástico e civil.

Referências bibliográficas

- AUBERT, E. H. Mediação e medialização: o cartulário do Colégio de Hubant e a teoria do laço social. **Revista de história**, São Paulo, n. 165, p. 151-191, jul./dez. 2011.
- AULETE, C. **Dicionário de língua portuguesa**. São Paulo: Lexikon. Disponível em <<https://aulete.com.br/mancha>>. Acesso em 21 mar. 2021.
- BERWANGER, A. R.; LEAL, E. F. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: UFSM, 2008. 128 p. (p.17).
- CAMBRAIA, C.N. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CONTRERAS, L. N. **Manual de Paleografía: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII**. Madrid: Cátedra, 1994.
- CRUZ, A. Observações sobre o estudo da paleografia em Portugal. **Cale: Revista da Faculdade de Letras do Porto**, p. 173-233, 1966. Repositório Aberto da Universidade do Porto. Disponível em <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9400>>. Acesso em 05 fev. 2021.
- FERNANDES, N. R. A importância interdisciplinar da documentação da Justiça Eclesiástica em São Paulo: o caso Joana Gil. **Revista estudos linguísticos**. São Paulo, n. 1, 49, p. 364-378, abr. 2020. Disponível em <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2697/1691>>. Acesso em 15 mar. 2021.
- FLEXOR, M. H. O. **Abreviaturas manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.
- GLOSSÁRIO de Crítica Textual**. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2329802/mod_resource/content/1/Terminologia%20de%20Cr%C3%ADtica%20Textual.pdf>. Acesso em 14 mar. 2021.
- MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. A. (Orgs.) **Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII**. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Fapesp, 2005.
- PETRUCCI, A. **Prima lezione di paleografia**. Roma: Gius Laterza, 2002
- PORTO, Narayan Pereira. **Feitiçaria paulista: transcrição de processo-crime da Justiça Eclesiástica na América portuguesa do século XVIII**. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-02052019-112854/pt-br.php>>. Acesso em 11 mar. 2021.

SANTOS, Patricia Ferreira dos. **Carentes de justiça: juízes seculares e eclesiásticos na "confusão de latrocínios" em Minas Gerais (1748-1793)**. 2013. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-02042013-113902/pt-br.php>>. Acesso em 11 mar. 2021.

SCHWARTZ, S. B. **Burocracia e sociedade no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras. 2011

VIDE, S. M. de. **Regimento do auditório eclesiástico do arcebispado da Bahia**. Lisboa: Oficina Pascoal da Sylva. 1718. Disponível em <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227374>>. Acesso em 04 jan. 2020.